

A subjectividade por vir - ensaios críticos sobre a voz obscena

VERA POLLO

A Subjectividade Por Vir - Ensaios críticos sobre a voz obscena, de Zizec, Slavoj

Lisboa: Relógio D'Água Editores, Setembro de 2006

Título original: *La subjectivité à venir - Essais critiques sur la voix obscène* (2004)

Tradução: Carlos Correia Monteiro de Oliveira

"Na medida em que, precisamente, a ciência "não pensa",
ela sabe¹, ignorando a dimensão da verdade, e representa,
enquanto tal, a pulsão em toda a sua pureza."

Slavoj Zizec

¹ Grifo do autor

A Subjectividade por Vir - Ensaios Críticos sobre a Voz obscena é uma coletânea de textos de Slavoj Zizec, publicada em Lisboa, Portugal, em 2006, pela editora Relógio D'Água. Psicanalista, filósofo, pesquisador do Instituto de Sociologia na Universidade de Liubliana, Eslovênia, e professor visitante na *New School for Social Research*, em Nova York, Zizec tem vários livros editados no Brasil e escreve regularmente para A Folha de São Paulo. Vem sendo considerado um dos mais argutos analistas da sociedade contemporânea, um dos mais heterodoxos e estimulantes intelectuais da atualidade. Os textos, reunidos no presente volume, foram escritos entre os anos de 1998 e 2004, alguns em forma de ensaios, outros a título de conferências. Hegel, Marx e Lacan são suas principais referências, mas os assuntos abordados se estendem da ópera ao espaço cibernético, passando pela religião, pela política e por aquele que não poderia faltar de modo algum, por ser talvez a expressão artística mais cara a Zizec, o cinema.

Logo no título do primeiro texto, deparamo-nos com um significativo pouco usual, senão inédito, dentro da teoria psicanalítica: *o sujeito interpassivo*. Zizec o forja para explicitar a relação de substituição pela qual o significante se define como "um objeto-coisa que me substitui, que age no meu lugar", ao mesmo tempo em que o sujeito passa a ser aquele que crê através do outro e lhe cede a dimensão passiva do seu ser (o gozo), para

continuar ativamente implicado em outra coisa. Passo a passo, o texto expõe primeiramente a idéia de que o que nos incita a pensar é sempre um encontro traumático, violento, com um real exterior imposto brutalmente, pondo em causa as nossas maneiras habituais de pensar.” (2006: 11) Em seguida, parafraseando a expressão “sujeito-suposto-saber”, cunhada por Lacan em 1967, Zizec propõe as expressões de “sujeito-suposto-crer” e “sujeito-suposto-gozar”, como correlatas ao sujeito interpassivo.

No entanto, diferentemente do saber, por não ser reflexivo, a crença sempre o é, e opera até mesmo à distância. A questão é que “o sujeito que crê diretamente não precisa de existir para a crença ser operativa [...] [pois ela] só pode florescer no domínio obscuro situado entre a falsidade absoluta e a verdade positiva” (*Idem*: 21-2) Contudo, quando cedo ao outro a dimensão passiva do meu ser, cedo-lhe meu gozo e “quando o Outro é sacrificado no meu lugar, tenho a liberdade de prosseguir a minha vida com a consciência de ter pago pela minha culpa etc.” (*Idem*: 23).

Um pouco adiante Zizec observa que, ao contrário do que se poderia pensar, as máquinas não roubam nossa atividade, privam-nos, isso sim, da dimensão passiva da nossa vivência. Exemplifica-o a constatação: “quase todos os fãs de DVD que gravam compulsivamente centenas de filmes² estão bem conscientes de que o resultado imediato de possuir um gravador de DVD é, afinal, o de ver menos filmes do que nos bons velhos tempos da simples televisão, em que não havia gravador [...] como se o aparelho de vídeo os estivesse vendo por mim, no meu lugar.” (*Idem*: 26-7)

Em sua leitura, o fato de o sujeito ser dispensado de seu gozo comporta uma dimensão verdadeiramente libertadora, um alívio do “dever monstruoso de ter de gozar”, razão pela qual precisamos distinguir os dois tipos desse Outro que nos substitui. No caso do fetichismo da mercadoria (ou do Papai Noel), a crença é deslocada para o Outro: sei muito bem que não creio, mas creio através do Outro. No caso dos risos pré-gravados ou das carpideiras que se lamentam no meu lugar, “deparamos com a situação inversa: penso que fui eu quem gozou o espetáculo, mas foi o Outro que o fez por mim.” (*Idem*: 32)

O tema da crença, presente nas primeiras páginas, retorna quase ao fim do livro em um de seus ensaios mais instigantes: *A Paixão na era da crença descafeinada*. Trata-se de um ensaio crítico

² Publicado em 2004 no *Journal of Philosophy and Scripture*.

sobre o filme de Mel Gibson, *A Paixão de Cristo*. Zizec declara que o modo dominante da crença inconfessa/deslocada da nossa época parece ser efetivamente o “não creio verdadeiramente nisso, isso faz simplesmente parte da minha cultura” (*Idem*:129). E daí deduz, o termo “cultura” talvez seja o nome que convém a todas as coisas que praticamos sem acreditar verdadeiramente nelas, sem as “levar a sério”. Pois uma das características mais marcantes da nossa cultura é a de que o objeto deve ser um produto que contenha o agente de sua própria negação: a “cerveja sem álcool”; o “café descafeinado”; o “chocolate laxativo” e assim por diante. Até mesmo o sexo se inscreve como produto nessa série, devendo ser o “sexo seguro”, com camisinha, sem contato direto, possivelmente sem prazer. A “tolerância politicamente correta”, salienta Zizec, conduz a uma “crença descafeinada”, isto é, não fere mas tampouco engaja quem quer que seja. Em suas palavras, “o Lacan dos últimos anos tinha inteira razão ao reservar o termo ‘ato’ para alguma coisa mais suicidária e real do que o ato falado.” (*Idem*: 25)

Não menos instigantes são as páginas que abordam a “pulsão” da ciência moderna. Ela lhe parece um caso paradigmático do que a psicanálise reconhece como o saber “acefálico”, a “insistência cega” da pulsão de morte. Na microbiologia, na manipulação genética e na física das partículas, a ciência prossegue o seu caminho sem nenhum objetivo moral ou comunitário, apenas como fonte de uma satisfação que só provém do próprio saber. Nesse caso, a proliferação dos “comitês de ética” só pode ser vista como a tentativa desesperada de dar um “rosto humano” à ciência, de reinscrever sua marcha inexorável e desprovida de limites dentro dos limites dos propósitos humanos (*Idem*: 50).

Não há dúvida de que em muitas passagens do livro, o conceito de fantasma fundamental se desvela como uma ferramenta, que Zizec utiliza com mestria, tanto na análise de fenômenos do coletivo, quanto do individual. O fantasma fundamental ou primordial, diz-nos ele, é o núcleo passivo do meu ser, sua forma é dada pelo saber da pulsão que nunca pode ser subjetivado. (*Idem*: 52) Por isso, a idéia de reinscrever a “pulsão” da ciência nos limites do mundo da vida é “um puro fantasma”, assim como “o automatismo do amor é posto a funcionar quando um objeto (libidinal) contingente, em última instância indiferente, ocupa um lugar fantasmático já dado.” (*Idem, ibid.*)

É tão grande a lista dos filmes citados no decorrer do livro que reproduzi-la ocuparia muitas linhas. Todavia não poderíamos deixar passar sua referência à trilogia dos irmãos Wachowski: I - *Matrix*, II - *Matrix, Reloaded* e III - *Revolutions*. Ao intitular seu texto de “*Matrix*, ou as duas faces da perversão”, Zizec retoma sua intervenção no simpósio internacional no Centro de Arte e Mídia de Karlsruhe, para discutir as relações entre o Real e a(s) realidade(s). Em sua opinião, “o filme não está errado ao insistir no fato que *existe* um Real sob a simulação da realidade virtual” (*Idem*:82), mas aparece como problemático, ao supor o Real como a “verdadeira realidade” dissimulada por trás da simulação virtual. Pois o Real é o vazio que torna a realidade incompleta e inconsistente, “muito mais subversiva do que esta multiplicação de universos virtuais, teria sido uma multiplicação das próprias realidades – algo que reproduzisse o perigo paradoxal que alguns físicos vêem nas recentes experimentações com os grandes aceleradores de partículas.” (*Idem*: 83)

Com Lacan, Zizec assevera que a ciência “toca no Real”, constrói um saber que é “saber no Real”, e a partir da física quântica, existe um fosso entre a ciência moderna e a ontologia aristotélica. O saber científico deixou de nos servir de Outro simbólico, lidamos agora com regras e leis funcionando no Real, mas não temos como traduzi-las na nossa experiência da realidade representável. (*Idem*: 86). Se o Real é, então, a própria tela, o obstáculo que “sempre-e-já deformou a nossa percepção do referente”, a realidade, cuja percepção está condicionada pela experiência de um obstáculo intransponível, “é aquilo que resiste”. Em contrapartida, o Outro desempenha a função de intermediário, garante de uma “coordenação entre a realidade e a experiência mental que dela fazemos.” (*Idem*:100)

Mas longe de ser uma máquina anônima, o Outro precisa do influxo constante de gozo. Ao ocupar-se com as questões de aborto, casamento de homossexuais, divórcio etc., a política, ressalta Zizec, mostra-se cada vez mais preocupada com os métodos de controle e regulação do gozo. E como “o malogro da narrativa, a impossibilidade de construir uma ‘história bonita’ é o sinal de um fracasso social bem mais fundamental.” (*Idem*: 117), é possível que o fracasso da série *Matrix* comporte a mensagem de que “hoje, deixou de haver amanhã que cantam, o Capital está

para ficar e tudo que podemos esperar é uma trégua temporária." (*Idem*:119) Conclui-se que "reprimir pura e simplesmente a violência é deixá-la incubando sob as cinzas" (*Idem*: 128), e Lacan sabia bem disso ao comentar o laço estreito "entre o reino da fraternidade pós-revolucionária e a lógica da segregação." (*Idem*: 129)

Na sociedade do capitalismo avançado, é o "*direito de não ser incomodado*, direito a uma distância sadia em relação aos outros, que emerge como o mais fundamental dos direitos do homem. Tal conclusão foi, certamente, um dos motivos que levaram Zizec a refletir e escrever sobre a mensagem da música, no belo escrito intitulado "A política da redenção (ou porque vale a pena salvar Richard Wagner)"³. Sob sua pena, lemos primeiramente que o conflito central da ópera não se aloja, como muitas vezes se pensa, entre o espiritual e o corporal, entre o sublime e os prazeres comuns da carne. Há um conflito inerente ao próprio sublime, que o cinde em duas partes e permite a inversão do proverbial motivo poético do amor cortês: não é tanto a beleza deslumbrante da Dama que se revela carne apodrecida – e isso corresponderia antes à dessublimação –, é a virgem sagrada revelada no coração da sedutora dissoluta, ou seja, é a sublimação inesperada. Nessa linha, Zizec esclarece o poder subversivo da ópera de Wagner: "*uma perturbação na ordem da sublimação*." (*Idem*: 143)

Uma lição parece então extrair-se de seu texto nos seguintes termos: assim como é possível que a sublimação oscile entre dois pólos, pode-se também verificar que "a comédia volta à cena quando a situação é tão horrível que já não pode ser expressa pela tragédia" (*Idem*: 147). Além disso a compaixão romântica bascula em direção a "uma compaixão fria que ensina a resistir à necessidade urgente de ajudar os outros." (*Idem*: 149). Aqui, é a lição de Brecht contra Wagner.

Pouco se fala da influência de Freud sobre a obra de Zizec, mas, como ele próprio admite, é preciso voltar à intuição freudiana sobre a função do objeto perdido ou rejeitado. Nela conclui-se seu ensaio sobre a ópera de Wagner. Por isso o citamos: "Nós tornamo-nos (identificamo-nos com) o objeto de que sabemos ter sido privados, de tal modo que a nossa identidade subjetiva é um depósito dos vestígios dos nossos objetos perdidos." (*Idem*: 164)

³ Publicado em 2004 no *Journal of Philosophy and Scripture*.